

CLIPPING IMPRESSO

08/04/2022



INDICE

1. JORNAL O DEBATE	
1.1. CENTRO JUDICIÁRIO DE SOLUÇÃO DE CONFLITOS.....	1
2. JORNAL O IMPARCIAL	
2.1. CENTRO JUDICIÁRIO DE SOLUÇÃO DE CONFLITOS.....	2 - 3
3. JORNAL O PROGRESSO	
3.1. EVENTOS.....	4 - 5
4. JORNAL PEQUENO	
4.1. PRESIDÊNCIA.....	6 - 12

MUTIRÃO DE CONCILIAÇÃO



Em parceria com o Tribunal de Justiça do Maranhão (TJMA), A Equatorial Maranhão participa do Mutirão de Conciliação, que oferece condições exclusivas para a renegociação de dívidas. A distribuidora contará com um stand, das 8h às 17h, durante toda esta semana, até o dia 8 de abril, no Fórum Desembargador Sarney Costa, no Calhau, para negociações com clientes da classe residencial que estão em débitos com a companhia. Para participar, basta comparecer com RG, CPF e comprovante de residência.

A líder jurídica da Equatorial Maranhão, Amanda Castro, pontua: “A Equatorial Maranhão traz mais uma oportunidade de negociar os débitos de clientes residenciais. São condições especiais para que todos possam ficar em dia e continuar usufruindo do fornecimento de energia. Essa campanha em parceria com o Tribunal de Justiça do Maranhão tem como objetivo resolver de forma rápida e eficiente os problemas dos consumidores maranhenses”.

Além do Mutirão de Conciliação, a Equatorial Maranhão oferece a possibilidade para os clientes parcelarem seus débitos ou realizarem o pagamento de suas faturas com cartão de crédito através do site www.equatorialenergia.com.br. O titular da conta também pode buscar um dos pontos de atendimento presencial da Equatorial Maranhão para realizar sua negociação, ou ainda através da Central 116 e a Central de negociações da Equatorial através do número 0800 098 2997.

Tribunal de Justiça e Equatorial fazem mutirão de Conciliação de dívidas na conta de energia

PÁGINA 5

ENERGIA

Mutirão de Conciliação para dívidas na conta



AS RENEGOCIAÇÕES VÃO ATÉ ESTA SEXTA-FEIRA, DIA 8 DE ABRIL

Em parceria com o Tribunal de Justiça do Maranhão (TJMA), a Equatorial Maranhão participa do Mutirão de Conciliação, que oferece condições exclusivas para a renegociação de dívidas. A distribuidora contará com um stand, das 8h às 17h, até o dia 8 de abril, esta sexta-feira, no Fórum Desembargador Sarney Costa, no Calhau, para negociações com clientes da classe residencial que estão em débitos com a companhia. Para participar, basta comparecer com RG, CPF e comprovante de residência.

A líder jurídica da Equatorial Maranhão, Amanda Castro, pontua: “A Equatorial Maranhão traz mais uma oportunidade de negociar os débitos de clientes residenciais. São condições especiais para que todos possam ficar em dia e continuar usufruindo do fornecimento de energia. Essa campanha em parceria com o Tribunal de Justiça do Maranhão tem como objetivo resolver de forma rápida e eficiente os problemas dos consumidores maranhenses”.

Além do Mutirão de Conciliação, a Equatorial Maranhão oferece a possibilidade para os clientes parcelarem seus débitos ou realizarem o pagamento de suas faturas com cartão de crédito através do site www.equatorialenergia.com.br. O titular da conta também pode buscar um dos pontos de atendimento presencial da Equatorial Maranhão para realizar sua negociação, ou ainda através da Central 116 e a Central de negociações da Equatorial através do número 0800 098 2997.

Magistratura discute sobre os avanços e desafios da justiça do futuro

II Congresso da Magistratura Maranhense destaca defesa do Estado Democrático de Direito no Século XXI e a Governança no Poder Judiciário

Ascom-TJMA / Ribamar Pinheiro

O presidente do Tribunal de Justiça do Maranhão, desembargador Lourival Serejo, abriu, nesta quarta-feira (6), o II Congresso da Magistratura Maranhense. O evento marca o retorno das atividades presenciais no TJMA, destacando como temática principal a defesa do Estado Democrático de Direito no Século XXI e a Governança no Poder Judiciário.

O evento tem o apoio ES-MAM e Associação dos Magistrados (AMMA). A programação prosseguiu ontem, quinta-feira até as 18 horas, com mais cinco painelistas que discutirão com os magistrados e magistradas questões do direito contemporâneo, como



Desembargador Lourival Serejo (presidente do TJMA) abriu o evento

uso da inteligência artificial, influência da mídia e fake news na atividade jurisdicional, bem como a utilização de redes sociais por integrantes do Poder Judiciário.

Participaram da abertura, no Hotel Blue Tree, em São Luís, o professor Flávio Dino, ex-governador do Maranhão e pré-candidato ao Senado; e o arcebispo metropolitano da Arquidiocese de São Luís, Dom Gilberto Pastana - conferencistas do painel sobre o Poder Judiciário e a Agenda 2030. Também compuseram o dispositivo de honra o corregedor-geral da Justiça (presidente eleito do TJMA), desembargador Paulo Velten Pereira; o diretor da Escola Superior da Magistratura do Maranhão, desembargador José Jorge Figueiredo dos Anjos; o corregedor eleito para o próximo biênio, desembargador Froz Sobrinho; e o presidente da Associação dos Magistrados do Maranhão (AMMA), juiz Hóldice Barros.

JUIZ DO FUTURO

O desembargador Lourival Serejo iniciou os debates enfatizando que os desafios enfrentados pelo Judiciário no período pandêmico levaram a soluções rápidas para garantir a prestação jurisdicional, na sua gestão essencialmente remota como presidente da Corte, que se encerrará no dia 29 de abril. “Com ousadia, enfrentamos a pandemia e reafirmamos nossos ideais. Superamos os desafios, aprimoramos nosso campo de inteligência artificial e adotamos novas tecnologias. Não descuidamos da atuação social, fortalecendo e apoiando as diversidades. Atendemos reivindicações de servidores - nossa força primordial, e também impulsionamos o aprimoramento do

quadro funcional, com cursos de doutorado e mestrado. Todas essas conquistas significam muito”, disse.

Citando o filósofo e poeta humanista do século XIX, Bertold Brecht, o magistrado, membro da Academia Maranhense de Letras, afirmou que a magistratura do futuro deve reforçar o compromisso com a ética e ir além do universo jurídico, aliando-se às questões sociais mais urgentes. “A ética é a fortaleza para combatermos as incertezas atuais. O magistrado do futuro deve ser sensível aos novos temas, abrindo a mente para questões sociais e ambientais, conectando-se com a evolução da sociedade”, enfatizou.

Para o juiz Hóldice Barros, o encontro simboliza o intercâmbio de ideias e das descobertas inerentes às atividades judicantes frente aos desafios da pandemia. “Começamos a ver esse período pelo retrovisor, iniciando nosso retorno às atividades intelectuais e científicas. Aqui vamos discutir temas contemporâneos, que estão na ordem do dia da democracia, da magistratura e do Estado Democrático de Direito, sobretudo as preocupações que surgiram a partir da pandemia”, concluiu.

APRIMORAMENTO

De acordo com o corregedor-geral da Justiça e presidente eleito do TJMA para o biênio 2022-2023, desembargador Paulo Velten Pereira, o tema central do evento remete para a necessidade urgente de aprimoramento das instituições para reafirmação do Estado Democrático de Direito na atualidade. “Para isso, precisamos de juízes e juízas que atuem com governança, que esteja na gestão da sua

unidade. O exercício da função judicante do século XXI requer que o juiz seja um agente político, capaz de atuar transformando a sociedade com quem interage diariamente através de suas decisões”, salientou.

Palestrante do primeiro painel da noite, o arcebispo Metropolitano Dom Gilberto Pastana, ressaltou a importância do congresso para discussão das mudanças sociais, que exigem maior atualização do Judiciário para tomada de decisões socialmente mais abrangentes. Em seu discurso, o líder religioso enfatizou que o acesso à Justiça pelo menos favorecidos ainda é uma realidade distante para muitos brasileiros. “É um clamor que precisa ser atendido para minimizar desigualdades e exclusão. Os juízes devem estar sensíveis à variedade, complexidade e rapidez com que a realidade socioeconômica vem adquirindo novas facetas. Juntos, Judiciário e Igreja - atenta aos clamores dos mais vulneráveis - podem restaurar a justiça e devolver dignidade a uma sociedade que ainda sofre com as desigualdades”, pontuou.

O ex-governador Flávio Dino discorreu sobre a Agenda 2030 da ONU e Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), destacando principalmente a relação entre o Judiciário e o acesso aos serviços públicos de saúde. O ex-juiz federal também foi enfático sobre a necessidade de instituições democráticas que combatam as fraudes eleitorais via fake news. “Aqui temos uma temática que mostra a preocupação da magistratura com o paradigma de estruturação das instituições para o futuro, propondo que o

mundo jurídico seja sustentável e inclusivo, contribuindo para concretização de direitos, cidadania e progresso social verdadeiro”, finalizou.

PROGRAMAÇÃO

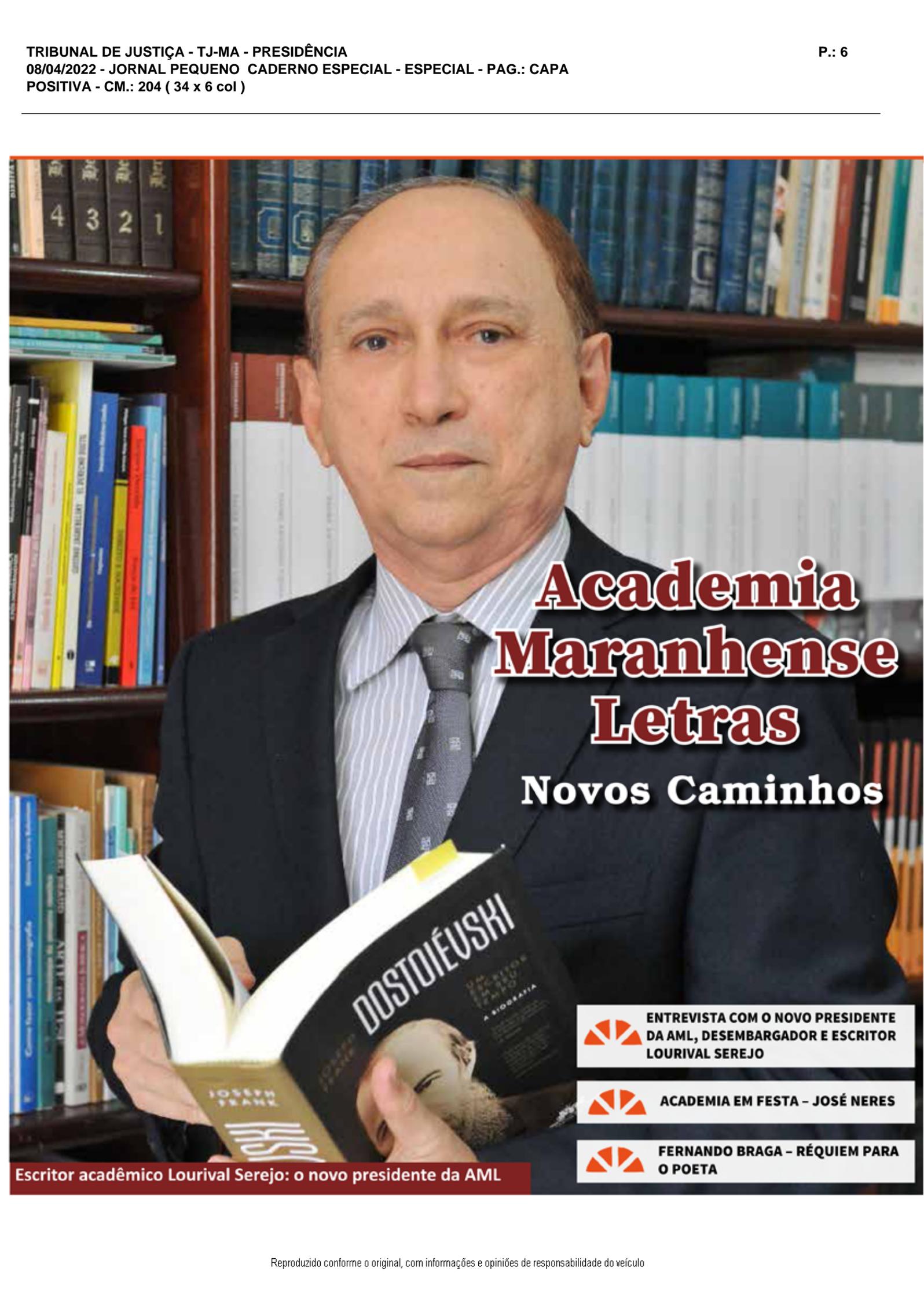
Nesta quinta-feira, fora, apresentados os painéis Mídia, redes sociais e opinião pública e sua influência sobre o Poder Judiciário, com participação da jornalista Mariana Xavier (TV Justiça), jurista Georges Abboud (IDP) e juiz Paulo Brasil Menezes (NUCOD - TJMA), sob a mediação da juíza Marcela Lobo.

Para tratar sobre Inteligência Artificial: Limites e Implicações, foram convidados o professor Esdras Pinto e o juiz Ferdinando Serejo (TOADALAB - TJMA).

No período da tarde esteve em destaque o painel Política de Inovação da Gestão do Poder Judiciário, com a juíza federal Vanila Cardoso (TRF1) e o secretário de Altos Estudos, Pesquisas e Gestão da Informação do Supremo Tribunal Federal, Alexandre Freire, sob a mediação do desembargador Froz Sobrinho.

As dimensões da governança judicial e sua aplicação ao sistema judicial brasileiro, será debatida pelo auditor federal Reginaldo Coutinho (Controle Externo e Gestão de Processos do Tribunal de Contas da União), sob a mediação do desembargador Paulo Velten (Corregedor-Geral da Justiça).

O desembargador federal Ney Bello (TRF1) e o filósofo e psicanalista Agostinho Ramalho Marques Neto farão a palestra de encerramento, discutindo sobre Crise de Legitimidade Democrática e o Poder Judiciário. (*Ascom TJMA*)

A man in a dark suit, light blue striped shirt, and grey patterned tie is reading an open book. The book cover is black with white text that reads 'DOSTOIÉUSKI' and 'A BIOGRAFIA'. The background is a bookshelf filled with various books. The text 'Academia Maranhense Letras' is overlaid in large, bold, red and white letters, and 'Novos Caminhos' is overlaid in white below it.

Academia Maranhense Letras

Novos Caminhos



ENTREVISTA COM O NOVO PRESIDENTE DA AML, DESEMBARGADOR E ESCRITOR LOURIVAL SEREJO



ACADEMIA EM FESTA - JOSÉ NERES



FERNANDO BRAGA - RÉQUIEM PARA O POETA

Escritor acadêmico Lourival Serejo: o novo presidente da AML



ACADEMIA EM FESTA

[Um histórico da Academia Maranhense de Letras]

ANTONIO AILTON

JOSÉ NERES

No final da tarde do dia 17 de março de 2022, mais exatamente às dezessete horas, no salão nobre da Academia Maranhense de Letras, situada na rua da Paz, nº 84, no centro de São Luís do Maranhão, teve início a cerimônia de posse da nova diretoria da Casa de Antônio Lobo para o biênio 2022-2024. Com a presença de diversos escritores, convidados, autoridades e de representantes da comunidade em geral, aconteceu a solenidade que marcou a transferência da presidência da instituição do professor, historiador, advogado e escritor Carlos Thadeu Pinheiro Gaspar para o cronista, poeta, contista e desembargador Lourival de Jesus Serejo Sousa.

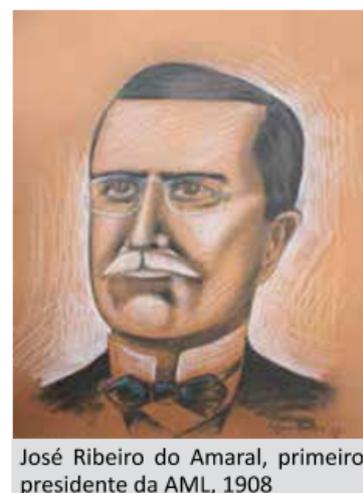
Durante os dois breves e emocionados discursos que selaram o ritual de transição, a plateia dividia suas atenções entre os acadêmicos ali presentes, as palavras dos dois protagonistas da noite e a imponência emanada pelos diversos quadros que eternizam a figura dos doze fundadores da Academia, dos antigos presidentes da Casa, o óleo sobre tela com as imagens de Sousaândrade e de Catulo da Paixão Cearense e, possivelmente, para muitos, algumas dúvidas: o que é a Academia Maranhense de Letras? Qual a sua história? Quantos e quais são os seus membros?



Noite de posse do novo presidente da AML, Lourival Serejo, em 17.03.2022. Da esquerda para a direita, atrás: Edson Vidigal, Laura Amélia Damos, José Ewerton Neto, José Neres, Ana Luiza de A. Ferro, Ceres Costa Fernandes, Sônia Almeida; da esquerda para a direita, na frente: Alex Brasil, Felix Alberto, Lourival Serejo, Carlos Gaspar, Benedito Buzar, Mont'Alverne Frota, José Carlos Sousa e Silva, Manoel Aureliano Neto, Elsiar Coutinho



Atual prédio da Academia Maranhense de Letras - AML, na Rua da Paz, São Luís - Maranhão



José Ribeiro do Amaral, primeiro presidente da AML, 1908

Qual a importância dela para a cultura do Estado?

Algumas pessoas ali presentes nem imaginam que foi propriamente naquele mesmo local onde estavam que, às dezenove horas do dia 10 de agosto de 1908 – portanto há quase 114 anos – quando aquele prédio ainda era a sede da Biblioteca Pública do Estado, que os senhores Antônio Lobo, Alfredo de Assis, Astolfo Marques, Barbosa de Godóis, Corrêa de Araújo, Clodoaldo Freitas, Domingos Barbosa, Fran Paxeco, Godofredo Viana, Inácio Xavier de Carvalho, Ribeiro do Amaral e Vieira da Silva reuniram-se para fundar oficialmente a Instituição. O dia e o mês não foram escolhidos ao acaso. Trata-se da data natalícia de Antônio Gonçalves Dias, reconhecidamente o mais significativo poeta maranhense de ressonância nacional e até internacional que, naquele ano comemoraria seu 85º aniversário de nascimento.

Seguindo as normas estatutárias do momento da fundação, o historiador e professor José Ribeiro do Amaral, por ser o mais velho entre os fundadores, assumiu a presidência da Casa. Ribeiro do Amaral é, então, o primeiro presidente da AML, seguido de Alfredo de Assis Castro, Barros e Vasconcelos, Vieira da Silva, Astolfo Serra, José Nascimento Moraes, José Luso Torres, Ribamar Pinheiro, Clodoaldo Cardoso, Mário Martins Meireles, José Sarmey, Luiz Rêgo, Jomar Moraes, Joaquim Itapary, Lino Moreira, Milson Coutinho, Benedito Buzar, Carlos Gaspar e, agora, Lourival Serejo, além de alguns membros que assumiram a presidência interinamente e que também prestaram bons serviços para a AML.

Importante lembrar que foi na reforma estatutária de 1934 que a Academia passou a receber o adjetivador “de Letras”, sendo até aquele ano nominada apenas de Academia Maranhense, como informa o professor Jomar Moraes em seu estudo publicado no livro escrito para as comemorações do primeiro centenário da Casa de Antônio Lobo.

Sem sede própria e ainda sem ter sua importância devidamente reconhecida pelos poderes públicos e pela população em geral, as reuniões da Academia

aconteciam na residência de seu primeiro presidente e, posteriormente, durante o Estado Novo, em um espaço provisório situado na antiga sede da Assembleia Legislativa do Estado. Após esse período, como reestabelecimento do Poder Legislativo, a Academia ficou novamente sem um espaço para exercer suas atividades, passando as reuniões a serem realizadas na casa do então presidente Ribamar Pinheiro. Tempos depois, a sede da AML foi instalada provisoriamente em uma casa na rua de Nazaré, que foi alugada pelo Governo do Estado, após insistentes solicitações do acadêmico Clodoaldo Cardoso, que acabara de assumir a presidência da Instituição. Porém, como o espaço físico da nova sede era reduzido, os eventos institucionais eram realizados em locais cedidos por clubes, teatros e órgãos públicos.

Deve-se também a Clodoaldo Cardoso o esforço de revitalizar a importância da AML perante a sociedade. Mas a Academia não poderia ser uma instituição nômade. Precisava de uma sede digna onde pudessem ser realizadas as reuniões ordinárias, os eventos circunstanciais e onde a própria história da Instituição pudesse ser guardada e resguardada. Isso só veio a acontecer no início de 1949, quando, sensibilizado pelos constantes apelos dos membros da Casa, o então Governador do Estado – Sebastião Archer da Silva – assinou o documento de doação do prédio da antiga Biblioteca Pública, local onde décadas antes havia nascido oficialmente a Academia. No final do ano seguinte, em 29 de dezembro de 1950, a Academia inaugurava o prédio onde está instalada até a presente data.

Após ter a segurança de uma sede própria, a Casa de Antônio Lobo ganhou novo fôlego, preencheu as cadeiras vacantes e instituiu algumas das normas estatutárias que deram mais visibilidade à AML e a seus membros. Outro acontecimento que impulsionou a Instituição foi a eleição do professor e Historiador Mário Martins Meireles, em 1948, que tomou para si a tarefa de reorganizar os documentos da Academia, assumindo anos depois os cargos de vice-presidente e de

pois presidente da Casa, sempre prestando relevantes serviços não apenas para a Academia, mas também para a cultura maranhense como um todo.

Todos os ilustres acadêmicos que ocuparam a presidência da AML deixaram seu legado de benfeitorias e de serviços pelo sucesso da Instituição. Alguns permaneceram mais tempo no cargo, como foi o caso do professor José Ribeiro do Amaral (19 anos no cargo), Luiz de Moraes Rêgo (14 anos) e Jomar Moraes (22 anos), outros ficaram pouco tempo, como é o caso de Milson Coutinho, que foi sucedido por Benedito Bogéa Buzar, que também teve boa longevidade no cargo.

Ao longo da história da Academia, muitos escritores foram eleitos, tomaram posse e deixaram suas contribuições para a Entidade. Mas também há quatro casos de escritores que, mesmo eleitos, foram empossados postumamente. Foi o que ocorreu com Catulo da Paixão Cearense (cadeira 9), Clarindo Santiago (cadeira 13), Luís Domingues (cadeira 10) e, mais recentemente, com Fernando Braga (cadeira 2), que faleceram antes de suas respectivas posses, mas que foram devidamente agraciados com todas as honras acadêmicas e que fazem parte do quadro da Instituição.

Constantemente também surgem perguntas sobre o fato de alguns escritores de renome local, nacional ou até internacional não fazerem parte do seleto grupo de acadêmicos. Ocorre que o primeiro passo para se tornar membro da AML deve ser sempre o desejo de o intelectual ingressar na Instituição. Alguns, mesmo mantendo estreitos laços afetivos com a Casa e com seus ocupantes, jamais manifestaram oficialmente o desejo de concorrerem às vagas que estavam abertas pela ocasião do passamento de algum ocupante. E sem a livre e manifesta decisão de candidatar-se, alguns dos importantes nomes de nossa cultura não puderam ser considerados candidatos oficializados.

Agora que já se sabe o que é a Academia Maranhense de Letras e que alguns detalhes de sua história foram descortinados, resta ainda saber quantos são e quais

são os chamados imortais. Atualmente, são quarenta as cadeiras da AML. Todos os membros foram eleitos em sessão pública e com votos secretos pelos demais membros e foram diplomados após cumprirem o ritual de posse em solenidade também aberta ao público e que conta com um discurso de posse do membro eleito e um discurso de recepção proferido por um dos membros efetivos da casa.

Resta, então, saber qual a importância dessa Instituição para a cultura do Estado. A Academia é uma instituição não governamental e que tem “por finalidade o desenvolvimento da cultura, em especial a literária, a defesa das tradições maranhenses e o intercâmbio com os centros de atividade culturais do Brasil e do exterior”, conforme está fixado no Estatuto da Academia.

A fim cumprir tais objetivos, a AML não tem medido esforços para preservar, divulgar e dinamizar a cultura literária do Estado, promovendo palestras, encontros e visitas a escolas, edições e lançamentos de livros, publicando regularmente revistas, efetivando a guarda e preservação de documentos e acervos, mantendo uma Web Rádio inteiramente dedicada à valorização cultural do povo e disponibilizando seu acervo bibliográfico como fonte de consulta para pesquisadores interessados em estudar temas relativos à vida e à obra dos acadêmicos tanto da atualidade quanto de épocas pretéritas. Ou seja, a AML é uma instituição de grande importância para a preservação e divulgação dos valores culturais do Maranhão.

Quem foi à cerimônia de posse da nova diretoria da Academia Maranhense de Letras, além de conhecer um pouco mais da Instituição e de se encantar com os discursos proferidos pelo antigo e pelo atual presidente da Casa, acabou também, de alguma forma, fazendo parte da rica e bela história dessa centenária Instituição que vive e respira cultura e que tudo faz para que todos os maranhenses possam se orgulhar de suas tradições e de suas letras.

***José Neres** é escritor, professor, membro da AML, cadeira 36.

Entrevista



LOURIVAL SEREJO

Novo presidente da Academia Maranhense de Letras

O escritor, magistrado e acadêmico Lourival Serejo assumiu a presidência da Casa de Antônio Lobo, a AML no dia 17.03.2022. Constitui assim, juntamente com a nova Diretoria, a expectativa de um caminho profícuo, ótimas realizações e engrandecimento para as letras do Maranhão, no biênio 2022-2023. Lourival de Jesus Serejo Sousa é de Viana – MA. É Desembargador do TJMA, desde 7 de março de 2007 e atualmente é o seu presidente. É membro da Academia Maranhense de Letras, onde ocupa a Cadeira nº 35, e membro fundador de várias academias, como a de Imperatriz e Viana, além de integrar outras respeitáveis instituições. Autor de obras importantes na área jurídica, Serejo é um exímio cronista, contista e ensaísta, e tem publicadas obras como o ótimo *Entre Viana a Viana, Na casa de Antônio Lobo, Literatura, música e mojito* e o recente livro de ensaios *Literatura no Espelho*, entre outros. É, pois, para conhecermos um pouco mais desse escritor e jurista proeminente, agora como o novo presidente da AML, no ensejo de uma grande atuação em prol da literatura e da cultura, sobretudo no âmbito do Maranhão, que o SACADA LITERÁRIA conversa com Lourival Serejo. Agradecemos por sua entrevista.

[Magistrado, escritor, acadêmico] Lourival Serejo, em que sentido a literatura pode ser concebida como um bem e um direito da vida humana, e qual o lugar que ela assume em sua vida?

Tudo que engrandece o espírito é um bem. E a literatura ocupa um lugar privilegiado nesse “tudo”. Ao assumir uma condição de bem da vida, constitui-se num direito que potencializa a existência humana. Sempre relembro e gosto de citar a afirmação de Flaubert, analisada com profundidade por Vargas Llosa, de que “o único meio de suportar a existência é despojar-se na literatura como numa orgia perpétua”. Para mim, em particular, a literatura assumiu um papel fundamental, por humanizar minha atividade como magistrado e proporcionar-me retiros espirituais que fortaleceram meu intelecto e meu equilíbrio emocional.

Você tem um gênero literário de preferência, e sobre o que gosta de escrever, em termos temáticos, isto é, quais aspectos humanos, sociais ou existenciais têm convocado sua escrita e por qual razão?

Meus gêneros preferidos são o romance, a poesia e os contos. Estou com um ro-

mance pronto para estrear nessa difícil arte. Meus temas preferidos passam pela análise da condição humana; pelas experiências dos escritores sobre o ofício de escrever; e pelas histórias de vidas; temas atuais; e todos os demais que me levam a pensar.

Quais alguns dos autores, ou algumas das autoras, que mais o têm inspirado na jornada da vida e da sua literatura, e em que sentido?

Ninguém pode ser um escritor sem viver em permanente convívio com a leitura. De cada livro lido fica alguma coisa retida em nosso inconsciente, gerando até, às vezes, o que Harold Bloom chamou de “angústia da influência”. Em resumo, cito os autores Joseph Conrad, Italo Calvino, Kafka, Dostoiévski, Tolstoi, Tchekov, Machado de Assis, Thomas Mann, Clarice Lispector, Autran Dourado, Érico Veríssimo, Leonardo Padura e Milton Hatoum, dentre outros. Um fenômeno curioso ocorre quando termino a leitura de algum livro e falo a mim mesmo: gostaria de ter escrito este livro. Assim ocorreu com *Istambul*, de Orhan Pamuk, e *Crônica da casa assassinada*, de Lúcio Cardoso e muitos outros.

Em seu discurso de posse na AML (junho/2004), evo-

cando Norberto Bobbio e Joaquim Itapary, você fala do papel do intelectual como “protetor de valores superiores” de uma sociedade. O que pode fazer o literato em relação a esses valores, lidando com a criação literária, ou produto prioritariamente estético?

O intelectual deve ter compromisso com a sociedade, pela sua elevação e conscientização. Não pode fixar-se apenas em seu desenvolvimento pessoal. A liderança que ele detém (ainda que não saiba) deve estar a serviço da consolidação da democracia e do estado de direito, sem enveredar pela opção política ou ideológica. Lembro, ainda, nessa linha, de Sartre e García Márquez. Aqui, entre nós, outro Marques, o confrade Agostinho Marques faz esse trabalho há muito tempo, com a tranquilidade que lhe é peculiar. Mais recentemente, com a premiação do Nobel a Abdulrazak Gurnah descobriu-se que sua obra literária sempre foi voltada para denunciar o colonialismo no continente africano e a condição dos imigrantes na Europa, sendo ele próprio um imigrante de Zanzibar em Londres. “A literatura ajuda a informar”, disse ele em entrevista ao jornal O Globo.

Do início, em Viana, à presidência da Academia Maranhense de Letras, a título de

compartilhamento conosco, na medida do possível, comente sobre alguns dos pontos mais significativos, emocionantes e surpreendentes da sua caminhada.

Cheguei a São Luís em 1968, cheio de planos, com a cabeça já robustecida de muitas leituras. Meu primeiro impacto foi perceber, no terceiro ano colegial, em contato com colegas da elite ludovicense que passaram a compartilhar comigo a mesma sala de aula, o quanto tinha perdido tempo e aprendido pouco. Para recuperar o atraso, dobrei os estudos. Formado em Direito, atirei-me à magistratura, começando então uma disputa vocacional com a literatura. Deixando de lado meu itinerário jurídico, na atmosfera das letras, meus momentos mais significativos foram a publicação do meu primeiro livro, a participação na fundação de três academias, minha eleição para a Academia Maranhense de Letras e, por fim, agora, minha eleição para a presidência da Casa de Antônio Lobo.

Fale-nos de suas propostas para a Casa de Antonio Lobo, como presidente recém-eleito e empossado para o biênio 2022-2024. Com tantos escritores altamente competentes que também participam dessa nova Diretoria, como é o

caso de Laura Amélia Damous, Felix Alberto, José Ewerthon Neto, José Neres, Manuel Aureliano Neto, quais são as expectativas para esse novo tempo que se descortina para a AML?

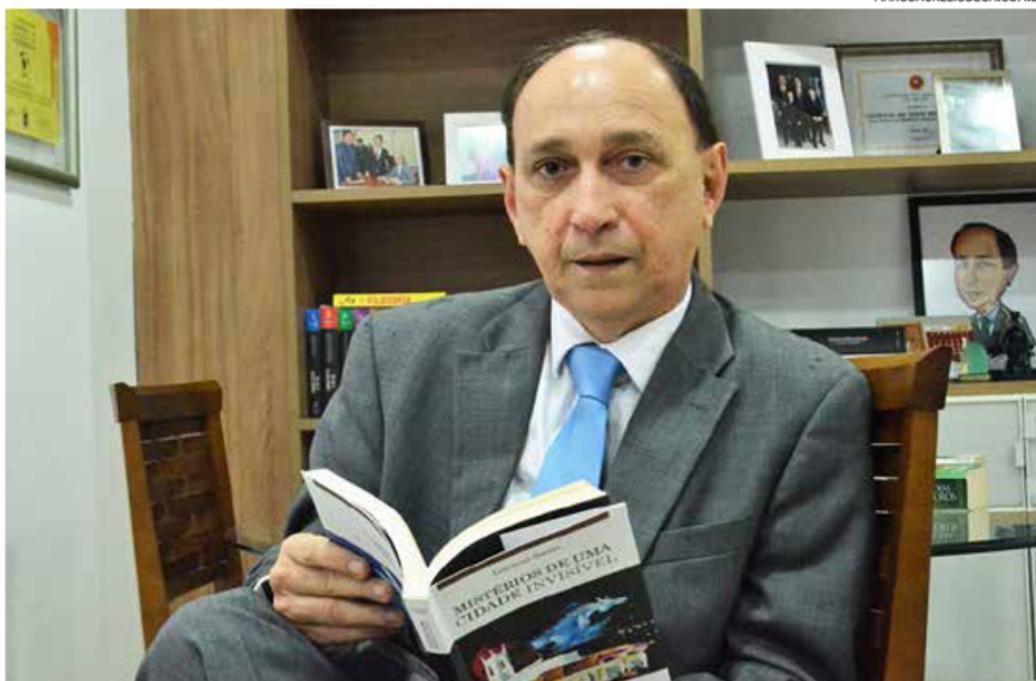
Estamos dispostos a prosseguir o trabalho do confrade Carlos Gaspar e dilatar a Academia para o espaço da sociedade, em atividades como a presença nos colégios e estimulando os novos escritores – poetas, em particular – que estão no início da jornada, dialogando com eles para ouvir seus clamores e ajudá-los no que for possível. Pretendemos abrir um concurso literário, continuar a periodicidade da nossa revista, dando-lhe também a devida publicidade, principalmente nos cursos de Letras. Há uma distância muito grande entre a Academia e a Universidade. Não se percebe interesse dos cursos de Letras pela produção acadêmica. São Luís está num nível de publicação elevada. Basta visitar a livraria da AMEI para constatar essa verdade. Mas algo precisa ser feito para dar publicidade a esses novos escritores, tirá-los do isolamento individual. Esta iniciativa do Sacada Literária é o melhor exemplo que temos hoje. Parabenizo os organizadores dessa publicação. Coloco a Academia à disposição do Sacada.

*Entrevista com Lourival Serejo concedida a Antonio Aílton.

“O intelectual deve ter compromisso com a sociedade, pela sua elevação e conscientização. Não pode fixar-se apenas em seu desenvolvimento pessoal.”

Lourival Serejo.

MARCOAURELIODECA.COM.BR



Acadêmico e magistrado, o escritor Lourival Serejo é o novo presidente da AML

ANTONIO AILTON



Serejo, em discurso na noite de posse como presidente da AML



Pepetela

Lourival Serejo

Aonda de escritores de língua portuguesa continua crescendo no Brasil. Entre os africanos, destacam-se Mia Couto, Agualusa, Gonçalo Tavares, Ondjaki, Germano Almeida e Pepetela.

Como recentemente participei de um webinar com Pepetela, atenciosamente, nestes comentários, a analisar três obras da sua autoria.

Antes, devo informar que Pepetela é o pseudônimo de Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos, nascido em Benguela, Angola.

Como o número de escritores a cada dia aumenta, a única maneira de alguém se destacar é obtendo êxito em um concurso literário. Dentre os prêmios concedidos a Pepetela, destaca-se o Prêmio Camões, em 1997.

As obras que escolhi para tecer breves comentários são: *O planalto e a estepe*, *Mayombe* e *Sua excelência de corpo presente*, todas com o selo da editora Leya.

As duas primeiras são romances que têm como marca d'água a situação política de Angola, na década de sessenta, do século passado, com a explosão de movimentos de guerrilha visando à libertação daquele país do domínio português. Com a Revolução dos Cravos Vermelhos, em 1974, foi concedida autonomia política a Angola e outros países africanos.

Foi nesse ambiente de luta que Pepetela, como membro do Movimento Popular de Libertação de Angola – MPLA, armazenou fatos sobre fatos, para edificar romances que projetam essa força terráquea presente nessas obras.

Em *O planalto e a estepe*, o autor narra o drama amoroso entre os estudantes Júlio e Sarangerel. Ele, de origem angolana; ela, da Mongólia. Ambos eram estudantes bolsistas, patrocinados pela URSS, com objetivo de formar uma classe de jovens comprometidos com o marxismo e sua expansão em países subdesenvolvidos ou colonizados.

A história desse amor proibido tem razões que vão muito além dos conhecidos dramas narrados em romances conhecidos, que tiveram como ponto mais alto a obra de Shakespeare, *Romeu e Julieta*. É uma história real, com as alterações próprias das narrativas ficcionais.

As discussões políticas e ideológicas

que integram o romance são indispensáveis para termos uma ideia mais nítida da revolucionária década de sessenta.

Mayombe é o romance que garantiu a Pepetela o recebimento do prêmio mais almejado da literatura de língua portuguesa: o Prêmio Camões.

É um romance que retrata a vida dos guerrilheiros do MPLA, sua organização, suas atividades e o idealismo que motivava aquele momento de libertação da Angola.

A linguagem é do mesmo timbre de *O planalto e a estepe*: leve, forte, de pé no chão, distante de qualquer artificialismo.

Na selva angolana, precisamente em *Mayombe*, desponta a natureza verde, riachos, montanhas, perigos e a magia dos mistérios, tudo bem descrito pelo autor.

O último livro de Pepetela, ainda não lançado no Brasil, chegou-me pelas mãos de um amigo que o trouxe de Portugal. Trata-se do romance *Sua excelência de corpo presente*.

Esse livro, cheio de humor e histórias (o autor teima em grafar “estórias”), começa com um soco no leitor: “Estou morto. Estou morto de olhos cerrados, mas percebo tudo (ou quase), do que acontece à minha volta”.

Sua excelência, o defunto, passou seus últimos anos como ditador num país africano. Agora, estava ali, morto, reverenciado por parentes, amigos e todo o corpo político do Estado. O velório estava apinhado de gente, coroas de flores, parentes, políticos e militares.

Com um humor fino, adequado ao estilo do escritor, o ilustre defunto analisa toda a sua vida, a partir das personagens que comparecem às suas exéquias. O seu informante favorito – espião-de-um-olho-só – relata-lhe tudo o que está acontecendo, após sua morte, inclusive a luta pela sua sucessão. É o único que entende o que o morto fala e de quem ele ouve as novidades após sua morte.

O romance é uma alegoria sobre a podridão interna de um governo corrupto e ditatorial, sem ética e sem limites.

Ainda hoje, a África ainda padece desse mal de abrigar ditaduras cruéis que não respeitam os direitos individuais nem as regras democráticas de transição, onde a corrupção comanda.

Ao transpor para a literatura esse quadro social e político, o escritor contribui para desenvolver nos leitores mais atenção crítica e compreender melhor os momentos da história contemporânea.